

O DEBATE SOBRE INDISCIPLINA NA ESCOLA *

A apresentação dos participantes no debate

O lançamento da Revista parecia-nos qualquer coisa que se devia celebrar através de um debate. Será celebrada através de uma discussão que pretendemos que seja uma espécie de ponte entre os próprios autores e as pessoas que contribuíram para este primeiro número e os membros do Conselho de Redacção, para não falar, evidentemente, nalguns professores que convidamos para nos ajudar a dinamizar este primeiro debate da revista.

Neste sentido, gostava de apresentar agora as pessoas aqui na mesa e iniciar o debate sobre o tema «Indisciplina na Escola».

Temos connosco três professores de diferentes sectores do ensino. Queria apresentar *Filomena Vasconcelos*, que é professora na Escola Secundária Santa Isabel, do 5º grupo, e arquitecta. Está também a colaborar na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, na Profissionalização em Serviço, onde trabalha no 2º ano com os projecto pedagógicos, estando ainda envolvida no ensino das didácticas específicas do 1º ano.

Também temos *Angelina Carvalho*, que trabalha na Escola Preparatória do Cerco e é do grupo Português/Francês. Neste momento encontra-se requisitada na ESE do Porto, trabalhando na área de Sociologia da Educação. Para muitos de nós a Angelina é já uma pessoa muito conhecida pelas intervenções que tem feito na área de educação. Ela participou, por exemplo, no ciclo de cinema que organizámos há pouco tempo.

Depois, temos *Luís Mesquita*, da escola C+S de Vila Conde. Está neste momento destacado no Conselho Coordenador de Formação Contínua de

* O debate realizou-se na Escola Superior da Educação do Porto, no dia 19 de Abril de 1994. O texto que aqui aparece é uma transcrição parcial da gravação do debate. Houve algumas pequenas alterações para tornar o discurso oral mais compreensível, para eliminar frases incompletas ou impossíveis de compreender e para focalizar o tema do debate.

Professores, é do 1º grupo, Português/História, e está a fazer o mestrado em Ciências da Educação, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Temos *Luiza Cortesão* e *Ana Benavente*, que fazem parte do Conselho de Redacção de nossa revista. A Luiza é Professora Associada da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e a Ana Benavente é Investigadora Principal do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Vamos então iniciar o debate. A nossa proposta é a seguinte: vou pedir aos nossos convidados que abram o debate com 5/10 minutos sobre o tema «Indisciplina na Escola». Se me permitirem, eu diria depois umas palavras em nome de Raúl Iturra, que telefonicamente me passou uma ou outra ideia que ele gostava de ter levantado hoje. Depois, passaremos a palavra para as pessoas aqui presentes.

Vamos começar com a Luiza, passaremos depois para a Filomena, a Ana, a Angelina e o Luís.

As intervenções iniciais

Luiza Cortesão

Gostaria de começar esta breve intervenção sobre indisciplina na escola com uma questão um pouco provocadora. Na língua portuguesa, poderá dizer-se que o antónimo de indisciplina é disciplina. Será que se pode inferir que em educação se poderá afirmar o mesmo? Será que em educação a indisciplina se poderá sempre considerar como perturbadora, como indesejável e, correspondentemente, a disciplina como sempre desejável?

É que não posso deixar de recordar uma definição de Weber sobre disciplina que me permito reproduzir. Segundo ele, disciplina é a «execução metódicamente aprendida, precisa, e desprezando, incondicionalmente, toda a crítica própria da ordem recebida».

Quando nos lembramos que, em inúmeras situações, e de diferentes maneiras se afirma, afirmamos nós também, que uma das metas da educação é

contribuir para o desenvolvimento da «capacidade da crítica e da decisão», esta «execução metodicamente aprendida» parece não poder estar inscrita no horizonte das nossas preocupações e desejos, como educadores, como sendo a grande meta a alcançar.

Claro que «indisciplina» é conceito ambíguo. Há situações e tipos de perturbações que são realmente inaceitáveis. Claro que um mesmo comportamento poderá ser considerado sinal de indisciplina por uns e perfeitamente aceitável por outros. Claro que uma mesma actuação poderá ser indisciplina num dado contexto e noutra não. Depende do conceito que o professor tem de disciplina, da relação que o professor estabelece na aula. Depende ainda dos seus limites de tolerância (para alguns professores, mexer, questionar situações, ordens, usar o raciocínio divergente é já indisciplina, e para outros não). Depende sobretudo das estratégias de trabalho a que recorre, na realização dos trabalhos, do maior ou menor significado que esses trabalhos têm para os alunos.

Estas são algumas das razões que poderão explicar que uma turma possa ser «indisciplinada» com um professor e com outro não.

Em *Graine de Crapule*, Fernand Deligny afirma: «Sabes cantar, improvisar uma história de piratas, marchar sobre mãos, emitir gritos de animais, desenhar nas paredes com um pedaço de carvão? Então terás disciplina».

Deligny não faz, como é evidente, uma defesa da ideia de que o professor deva ser um palhaço que diverte os seus alunos. Trata-se, sim, de, através de uma forma irreverente de expressão, lembrar que os alunos se «portam mal» quando se aborrecem, quando o que acontece na escola não lhes diz nada, não tem para eles significado, quando não têm um projecto a realizar, sobretudo se são forçados a estar passivos, quietos e calados. Então a sua energia explode numa (por vezes saudável) indisciplina, quando não, violência (é interessante recordar que violência vem da radical sancrito *Wī* que significa força vital).

Mas há outro aspecto a considerar, porventura mais difícil de solucionar e mais dramático e de que todos temos mais ou menos consciência: com a progressiva concretização da «escola de massas» entram para a escola cada vez mais crianças que antigamente não se encontravam lá. São crianças «nadas e criadas» na violência verbal e física, que convivem diariamente em situações de

desequilíbrio, de marginalidade, de drama, de agressão, de luta pela sobrevivência. São disto exemplo as crianças que se desenvolvem em bairros degradados, quantas vezes soltas de qualquer adulto que as apoie, que lhes dê sequer o mínimo de enquadramento, de protecção. São crianças que convivem com a morte, com a agressão, com violações, com roubos, com rusgas da polícia, com a ameaça e a concretização de prisões. É como digo num artigo publicado nesta revista que hoje apresentamos, citando e comentando histórias contadas por estas crianças: «O quotidiano duro, a violência ("havia um homem com uma pistola, pum... morreu"), o drama ("... um incrível monstro na água. E depois trincou o barco e todos foram abaixo e morreram"), os acidentes graves ("depois o menino afogou-se na água e o senhor foi lá buscar. Depois a mãe estava a chorar e veio a ambulância"), as situações de conflito com a polícia, as trocas de tiros, a sensação de perigo iminente, tudo isto se sente quase fisicamente ("... o grande é mau, o carro, o 'de praça' tinha uma carrinha, roubou, havia um polícia, escapou, o menino não parou e o polícia matou, caminhou, matou, caminhou matou, o menino 'tá chorari', um foi para Lisboa, o outro morreu"). Sente-se quase fisicamente, tal como se sente, quase se cheira, se palpa o desconforto, a miséria, a habitação precária, a alimentação deficiente ("... um dia fui buscar 'courato' para a minha irmã. Fui a casa dela, ao barraco. Depois o 'plástico' da barraca voou para o ar e depois a roupa toda")».

Ainda a título de ilustração, transcrevo uma redacção que a minha colega e amiga Rosalinda da Escola da Biquinha me cedeu, feita por um aluno com idade para falar de fadas, ursinhos de peluche ou de aventuras do Peter Pan:

«Nós fomos ao campo roubar panochas (espigas) o senhor viu-nos a correr com as panochas apanhou o Zito e deu um pontapé. Ele até se mijou. Apanhou a Carina e também deu um pontapé. A Lúcia e a Mercedes fugiram e não "corrio à nossotros" o senhor foi buscar uma pusca (pistola) e veio atrás de nós. Chegamos a casa e fomos chamar a minha mãe».

E devo dizer que há histórias bem mais terríveis contadas por crianças quando solicitadas a escrever livremente.

Perante tais situações, e ao ser solicitada a falar de indisciplina e violência, só me resta terminar com a frase bem conhecida de todos nós e atribuída a Brecht: «Chama-se violento ao rio que tudo arrasa. Ninguém diz violentas as margens que o comprimem...».

Filomena Vasconcelos

Agora, que já foi aqui introduzido o conceito de violência, gostaria de fazer uma leitura, que espero que não aborreça muito os presentes, de algumas ordens de serviço que são frequentes nas escolas que todos frequentámos.

É que a violência passa-se um pouco quer com os alunos, quer com os professores. Ambos têm que ser ajudados a conseguir cumprir a tarefa que lhes é atribuída. Eu passava à leitura relativa a uma ordem de serviço sobre a limpeza das carteiras, riscos, desenhos, etc.: «Tal como nos anos lectivos anteriores, decidiu o Conselho Directivo e o Conselho Pedagógico que é dever de todos os utentes da escola, professores, alunos, funcionários, manter as cadeiras e as carteiras limpas; assim, e para que tal seja possível, mantém-se em vigor a obrigatoriedade do cumprimento, por parte dos senhores professores, da regra geral da distribuição dos alunos na sala de aula. Os alunos devem ser distribuídos por ordem crescente do seu número de ordem, da esquerda para a direita, do sentido horizontal e da frente para trás, do quadro para o fundo da sala, estando o professor de frente para a turma.

Esta é a regra geral. No entanto, poderá o senhor professor, por motivos de força maior, do conhecimento do director de turma, alterá-la. A nova distribuição dos alunos terá de ser registada, obrigatoriamente, no livro de ponto, em folha própria existente para o efeito no mesmo.

Ao aluno é atribuído o dever de no início de cada aula, e antes de ocupar a mesa com os seus livros e canetas, verificar se a cadeira e a carteira se encontram riscadas. Se existirem riscos, há que utilizar o bom senso. Deverá o senhor professor verificar tal facto e fazer a respectiva participação, assinalando quais as carteiras riscadas, entregando-as, de imediato, ao funcionário do sector para identificação do responsável. Deverão os senhores professores terem atenção que existem, a exemplo de anos anteriores, alunos que, ao saírem, trazem a caneta na mão, e ao passarem por outros lugares riscam as carteiras dos colegas, pelo que quer a entrada quer a saída dos alunos da sala de aula deve ser rigorosamente controlada e organizada. Assim deverá o senhor professor, conforme consta no regulamento interno, ser o primeiro a entrar e o último a sair da aula».

A outra ordem de serviço acho que pode ser lida em seguida. Mas eu aqui gostaria de levantar algumas questões relativas a alguns processos disciplinares

que conheço, de que tomei conhecimento, e que tem muito a ver com esta posição estática a que obrigam as crianças. Neste caso são alunos de qualquer idade, podem ter 13, 14, 15 anos. Na grande maioria, em que acontecem coisas do estilo, um miúdo chega à aula e vê que tem a sua mochila escondida. Levanta-se para ver o que se passa, para descobrir onde é que está a mochila, e está imediatamente com uma falta disciplinar. Isto não se passa na mesma escola, só que o rigor é muito semelhante, quer dizer, as pessoas têm que estar durante 50 minutos numa mesma posição, sentadas, sem se poderem mexer.

Há outros casos, em que os alunos deixam cair uma borracha ao chão, ou lápis, e não se podem levantar até ao final da aula. Têm que ficar os 50 minutos imóveis, à espera que se possam levantar.

E lembro-me, também, dentro deste rigor que obriga o miúdo a estar ali quietinho e parado sem se poder mexer, do caso dum miúdo, meu amigo, que foi metido, sem ter escolhido, naquelas opções que muitas vezes eles têm que ter e que são obrigados a frequentar. Ele estava numa aula de dactilografia e como aquilo, de facto, não lhe dizia nada desatou a mudar o nome das letras, pôs o *a* no *b*, *c* no...; o desgraçado que foi a seguir começou a bater e saiu tudo ao contrário porque andava à procura das letras e não encontrava, portanto, saiu um texto perfeitamente desconexo, diferente daquilo que ele queria escrever.

Será que estes acontecimentos não têm que ser tratados de uma maneira diferente? O que é que se aproveita neste caso, nesta ordem de serviço, na limpeza nas carteiras? Em vez de fazer esta tal limpeza de carteiras e de cadeiras, não seria importante fazer uma análise daquilo que se passa ao nível do *grafiti* nas carteiras e nos quartos de banho dos alunos?

Eu suponho que, se houvesse um bocadinho mais de atenção relativamente à análise que se faz dos vários registos que vão ficando da miudagem que vai passando pelas carteiras, talvez os professores conseguissem descobrir um pouco quais são os mundos complicados em que estes alunos estão a viver.

Uma amiga minha quando se refere aos jovens costuma dizer uma frase que eu acho lindíssima. Diz que é muito difícil crescer, é uma tarefa complicada, e muitas pessoas esquecem-se que também já cresceram que já passaram por essa fase, não é?

E então, se nós fizermos uma pequena análise daquilo que se passa nessas carteiras é frequente verificar que os auxiliares de memória são frequentis-

simos. Há toda uma série dos chamados copianços, que são reproduzidos e que nalguns casos até são negociados. Não é lícito que seja qualquer um que fique com qualquer carteira, não é? Há uma revolta muito grande que é feita relativamente ao que se está a passar a nível da sociedade. Há sobretudo as questões de sexo que nunca são tratadas na escola, ou são tratadas de uma maneira muito pouco profunda e que são grandes problemas para os miúdos, que nalguns casos até são mesmos obsessivos, porque ninguém lhes diz absolutamente nada. Eles não conseguem encontrar diálogo com ninguém. Há uma barreira, há uma fronteira muito grande que se estabelece, e de facto as questões de sexo são aquelas que costumam dar maiores penalizações aos alunos. São tratadas por vezes de uma maneira leviana. Deve saber-se que aquilo, de facto, é um problema grave para aquelas idades e que esse problema tem que ser tratado. E não se pode passar por cima.

Eu fiquei encantada quando vi os desenhos que Victor Hugo fazia. Representava em tudo quanto era espaço à sua volta quando escrevia. Era incapaz de escrever sem estar a desenhar.

Portanto, não é também claro que as pessoas estejam desatentas pelo facto de estarem a riscar ou a desenhar. Isto pode até ser um factor de concentração, pode ajudar a quem está a realizar um trabalho. Estará pelo contrário a concentrar-se e não a destrair-se.

Fazer da escola o lugar de prazer seria o mínimo. Se não conseguirmos isso, não vale a pena nós andarmos aqui. Será um martírio para todos, quer para professores quer para alunos.

A segunda ordem de serviço é importante também que seja lida; é relativa à disciplina, e diz o seguinte: «A disciplina é um dos factores essenciais, normal do desenvolvimento de uma aula. Nem sempre são cumpridas por parte de alguns senhores professores as normas existentes sobre esse assunto. Verificou-se também no ano lectivo anterior durante a realização de Conselhos de Turma a existência de abundantes queixas sobre alguns alunos que tinham a "folha limpa", em termos de acção disciplinar, bem como a inexistência de qualquer participação sobre os mesmos, constatando-se mais uma vez a não aderência, por parte de alguns senhores professores, às decisões do Conselho Pedagógico e Conselho Directivo, bem como a toda a legislação em termos de acção disciplinar».

Refere que há ordem de expulsão da sala sem dizer em que situação ela deve ser feita, e culpabiliza os professores pela sua grande passividade e permissividade para com os alunos. Isso da folha limpa não me tinha incomodado muito se eu não tivesse ido ver recentemente «Em Nome do Pai». Como fui, fiquei seriamente preocupada. É um horror pensarmos que os miúdos têm aquelas famigeradas folhas amarelas que os seguem durante todo o currículo escolar e que, por vezes, podem ter uma folha que deixa de ser limpa porque mudaram as teclas de uma máquina de escrever, porque deitaram uma borracha ao ar e apanhou a cabeça de um colega que por azar, de uma maneira geral, é sempre a vítima a quem sempre tudo acontece. A situação da acção disciplinar deve ser algo de muito pensado e meditado. A primeira coisa que vejo, ou que faço, quando chego a uma turma é procurar as folhas amarelas, precisamente para ver o que ficou registado nessas ditas folhas e tento dialogar com os alunos para ver como é aquilo aconteceu.

Ana Benavente

Eu devo dizer que não tenho qualquer competência para abordar este tema, e apenas estou aqui porque como membro do Conselho de Redacção desta revista há todo o interesse em participar no debate.

E devo ainda dizer que, ao longo do meu trabalho de formação de professores, sempre achei que a disciplina/indisciplina era um tema com o qual eu embirrava um bocado, e que achava que havia uma certa perversidade teórica em isolar o tema do contexto, que era muito difícil estar a desenvolver teorias sobre disciplina. Para mim a disciplina, ou indisciplina, era apenas um regulador de um determinado contexto que tinha de ser analisado, nas suas práticas, naquilo que lá se fazia, com quem se fazia e como se fazia.

Já agora deixem-me dizer que eu, apesar de dizer que há muita violência nas escolas, continuo a espantar-me todos os dias que a escola funcione com as condições que tem, com a dimensão que tem, com os problemas que existem, apesar de tudo funciona e funciona com situações de indisciplina. Daí que seja uma realidade que não se pode ignorar, porque provavelmente todos os professores têm histórias para contar.

A disciplina ou indisciplina depende do modo como são partilhados os espaços, o tempo, a voz, a fala, a assuidade na sala de aula. Ela depende das

Refere que há ordem de expulsão da sala sem dizer em que situação ela deve ser feita, e culpabiliza os professores pela sua grande passividade e permissividade para com os alunos. Isso da folha limpa não me tinha incomodado muito se eu não tivesse ido ver recentemente «Em Nome do Pai». Como fui, fiquei seriamente preocupada. É um horror pensarmos que os miúdos têm aquelas famigeradas folhas amarelas que os seguem durante todo o currículo escolar e que, por vezes, podem ter uma folha que deixa de ser limpa porque mudaram as teclas de uma máquina de escrever, porque deitaram uma borraça ao ar e apanhou a cabeça de um colega que por azar, de uma maneira geral, é sempre a vítima a quem sempre tudo acontece. A situação da acção disciplinar deve ser algo de muito pensado e meditado. A primeira coisa que vejo, ou que faço, quando chego a uma turma é procurar as folhas amarelas, precisamente para ver o que ficou registado nessas ditas folhas e tento dialogar com os alunos para ver como é aquilo aconteceu.

Ana Benavente

Eu devo dizer que não tenho qualquer competência para abordar este tema, e apenas estou aqui porque como membro do Conselho de Redacção desta revista há todo o interesse em participar no debate.

E devo ainda dizer que, ao longo do meu trabalho de formação de professores, sempre achei que a disciplina/indisciplina era um tema com o qual eu embirrava um bocado, e que achava que havia uma certa perversidade teórica em isolar o tema do contexto, que era muito difícil estar a desenvolver teorias sobre disciplina. Para mim a disciplina, ou indisciplina, era apenas um regulador de um determinado contexto que tinha de ser analisado, nas suas práticas, naquilo que lá se fazia, com quem se fazia e como se fazia.

Já agora deixem-me dizer que eu, apesar de dizer que há muita violência nas escolas, continuo a espantar-me todos os dias que a escola funcione com as condições que tem, com a dimensão que tem, com os problemas que existem, apesar de tudo funciona e funciona com situações de indisciplina. Daí que seja uma realidade que não se pode ignorar, porque provavelmente todos os professores têm histórias para contar.

A disciplina ou indisciplina depende do modo como são partilhados os espaços, o tempo, a voz, a fala, a assuidade na sala de aula. Ela depende das

normas e das regras. É evidente que aquilo que é indisciplina para um professor não é para outro. Mas há um outro aspecto, que eu acho muito importante, e que é este: essas normas e essas regras em geral não são explícitas. Uma coisa que sempre me preocupou é que os regulamentos de escola, por exemplo, que estão lá afixados num sítio qualquer, são interpretados de maneira diferente até pelos professores, nunca são explícitos, ou raramente são, e quando são, já é quase um projecto pedagógico por serem explícitos, serem negociados, serem discutidos com os alunos, serem pretexto de diálogo. Ou seja, a disciplina é qualquer coisa que existe, que está ali, e que se supõe que toda a gente sabe, que toda a gente conhece e que toda a gente aceita e que funciona por si só.

E quando um professor no início do ano começa com os seus alunos a estabelecer regras de direitos e deveres, já está a fazer qualquer coisa que não é habitual fazer-se na escola dita tradicional.

Num extremo, a disciplina é o valor do silêncio, e esse mito perdura hoje ainda em muitas pessoas, nomeadamente pais, quando dizem «aquela escola é uma maravilha, a gente entra lá nem se ouve uma mosca». Mas uma escola com muita actividade, com muito barulho, é identificada com agitação, com uma certa confusão. Se calhar não é só para os pais, também é para alguns professores, e embora possamos interrogar o valor desse silêncio, e a Luiza já o fez, o que é certo é que essas imagens não são coisas superficiais, é qualquer coisa de muito profundo. Quando um professor, apesar de saber que se trata de uma agitação fértil, sente muita agitação dentro da sala de aula, isso incomoda-o, nomeadamente em relação aos colegas, em relação a quem passa no corredor, etc.

Isto tem a ver com aquilo que é para mim a questão da indisciplina. E como é que ela se produz? Eu acho que a escola é um espaço de violência. E já que temos que falar muito pouco, vou dizer assim umas coisas bastante directas para o debate.

A escola é um espaço de violência, é um espaço em que há muitos mortos e muitos feridos e não é por acaso que quando se discute educação é dos temas mais difíceis do objectivar e do discutir com distância. Imediatamente vamos para a nossa experiência e dizemos: «Eu quando andei lá, o meu filho, o meu sobrinho, ...ouvi contar, ...o filho de não sei quem...». E isto porque a escola deixou muitas feridas, e aquilo que eu chamo «mortos» são no fundo os